

The image shows a book cover with a light gray background featuring a faint, repeating floral pattern. Two vertical red stripes are positioned on the left and right sides. In the center, there is a white rectangular area enclosed by a double black border. The text 'Livro de Poemas' is centered within this white area.

# Livro de Poemas

Os poemas na literatura brasileira podem ser divididos em duas partes: Era colonial e era Nacional

Era colonial:

Quinhentismo;

Barroco;

Arcadismo;

Período de Transição.

Era nacional:

Romantismo;

Realismo;

Naturalismo;

Parnasianismo;

Simbolismo;

Pré-modernismo;

Modernismo;

Pós-modernismo.

Era Colonial:

Quinhentismo

Jesus na manjedoura - Que fazeis, menino Deus,  
Nestas palhas encostado? - Jazo aqui por teu pecado.  
- Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza,  
Como estais em tal pobreza? - Por fazer-te glorioso E  
de graça mui colmado, Jazo aqui por teu pecado. -  
Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino,  
Que vos fez tão pequenino? - O amor me deu este véu,  
Em que jazo embrulhado, Por despir-te do pecado. - Ó  
menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem  
vos fez de tal idade? - Por querer-te todo o bem E te  
dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado.

Pe. José de Anchieta

Barroco:

O todo sem a parte não é todo, A parte sem o todo não é parte, Mas se a parte o faz todo, sendo parte, Não se diga, que é parte, sendo todo. Em todo o sacramento está Deus todo, E todo assiste inteiro em qualquer parte, E feito em partes todo em toda a parte, Em qualquer parte sempre fica o todo. O braço de Jesus não seja parte, Pois que feito Jesus em partes todo, Assiste cada parte em sua parte. Não se sabendo parte deste todo, Um braço, que lhe acharam, sendo parte, Nos disse as partes todas deste todo.

Soneto de Gregório de Matos

Arcadismo:

Se é Doce Du bocage Se é doce no recente, ameno  
Estio Ver tocar-se a manhã de etéreas flores, E,  
lambendo as areias e os verdores, Mole e queixoso  
deslizar-se o rio;

Se é doce no inocente desafio Ouvirem-se os voláteis  
amadores, Seus versos modulando e seus ardores  
Dentre os aromas de pomar sombrio;

Se é doce mares, céus ver anilados Pela quadra gentil,  
de Amor querida, Que esperta os corações, floreia os  
prados,

Mais doce é ver-te de meus ais vencida, Dar-me em  
teus brandos olhos desmaiados. Morte, morte de  
amor, melhor que a vida.

Du bocage

Era nacional:

Romantismo:

Os Claustros

“Dorme, dorme teu somno, oh van cidade,  
Dorme teu somno sensual e podre:  
Que as estrellas e a lua,— de offendidas,  
O inutil brilho em negro veu trocaram.  
Carranca enorme de chumbadas nuvens  
A côr dos céus trocou na côr do abysmo.  
É noite: e noite de pavor é ella,  
Sacra aos mysterios de esquecidos tumulos.  
Sosinho o bardo aqui,—co'a noite e as trevas!  
Só elle aqui: — que o mundo é morto agora  
Nos braços do lethargo,— irmão do nada.”

Realismo:

Livros e flores

Teus olhos são meus livros. Que livro há aí melhor, Em  
que melhor se leia A página do amor?

Flores me são teus lábios. Onde há mais bela flor, Em  
que melhor se beba O bálsamo do amor?

Machado de Assis

Naturalismo:

Amor

Amemos! Quero de amor Viver no teu coração! Sofrer  
e amar essa dor Que desmaia de paixão! Na tu'alma,  
em teus encantos E na tua palidez E nos teus  
ardentes prantos Suspirar de languidez!

Quero em teus lábio beber Os teus amores do céu,  
Quero em teu seio morrer No enlevo do seio teu!  
Quero viver d'esperança, Quero tremer e sentir! Na  
tua cheirosa trança Quero sonhar e dormir!

Vem, anjo, minha donzela, Minha'alma, meu coração!  
Que noite, que noite bela! Como é doce a viração! E  
entre os suspiros do vento Da noite ao mole frescor,  
Quero viver um momento, Morrer contigo de amor!

Álvares de Azevedo

Parnasianismo:

Ouvir Estrelas

"Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo Perdeste o senso!"

E eu vos direi, no entanto, Que, para ouvi-las, muita vez desperto E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto A via-láctea, como um pálio aberto, Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto, Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: "Tresloucado amigo! Que conversas com elas? Que sentido Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las! Pois só quem ama pode ter ouvido Capaz de ouvir e de entender estrelas."

Olavo Bilac

Simbolismo:

Hão de Chorar por Ela os Cinamomos...

Hão de chorar por ela os cinamomos, Murchando as flores ao tombar do dia. Dos laranjais hão de cair os pomos, Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão — "Ai! nada somos, Pois ela se morreu silente e fria.. ." E pondo os olhos nela como pomos, Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa, Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos... E os arcanjos dirão no azul ao vê-la, Pensando em mim: — "Por que não vieram juntos?"

Alphonsus de Guimaraens

Pré-Modernismo:

Versos Íntimo

Vês! Ninguém assistiu ao formidável Enterro de tua última quimera. Somente a Ingratidão - esta pantera - Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera! O Homem, que, nesta terra miserável, Mora, entre feras, sente inevitável Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do escarro, A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga, Apedreja essa mão vil que te afaga, Escarra nessa boca que te beija!

Augusto dos Anjos

Modernismo:

Pronominais

Dê-me um cigarro  
Diz a gramática  
Do professor e do aluno  
E do mulato sabido  
Mas o bom negro e o bom branco  
Da Nação Brasileira  
Dizem todos os dias  
Deixa disso camarada  
Me dá um cigarro.

Oswald de Andrade

## Pós-Modernismo

A arquitetura como construir portas, de abrir;  
ou como construir o aberto;  
construir, não como ilhar e prender, nem construir  
como fechar secretos;  
construir portas abertas, em portas;  
casas exclusivamente portas e tecto.  
O arquiteto: o que abre para o homem  
(tudo se sanearia desde casas abertas)  
portas por-onde, jamais portas-contra;  
por onde, livres: ar luz razão certa.

João Cabral de Melo